

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Corautim

Class.: X1464

Data: 08/84

Pg.: _____

Acordo pelo suborno: até quando?

A Nação vive uma crise econômica sem precedentes. Em todos os setores públicos faltam recursos. Funcionários federais não vão receber o 13º salário, anuncia Delfim Neto. A Previdência está à beira da falência. Enfim, em todos os setores vitais da Nação, falta dinheiro, menos para a Funai, menos para a corrupção, principalmente das lideranças indígenas. Conforme observa Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, a Funai está jogando quantidades fabulosas de dinheiro nunca visto antes em áreas indígenas, através de presentes e dos já famosos "projetos econômicos", que não levam a nada.

Os Xavante, sobretudo eles que são considerados um dos povos indígenas mais conscientes e lutadores, tem sido vítima, em particular, dessa ofensiva empreendida pela "tutora", com o patrocínio do dinheiro público, dos fazendeiros e das multinacionais. É a nova tática, denunciada na 4a. Assembléia Nacional do Conselho Indigenista Missionário, realizada em Cuiabá, em que a Funai dentro de uma política de segurança nacional, tenta corromper as lideranças e amedrontá-las através do cheque e do terror.

E, dentro da Nação Xavante, a mais recente vítima a comunidade da Aldeia Dom Bosco, incrustada numa área de cerrado às margens da BR-070 e rio das Mortes. Há 14 anos, os índios daquela aldeia tendem retomar a "Volta Grande" - uma área de 36 mil hectares situada além do rio das Mortes. Em janeiro seguinte, os líderes da comunidade Xavante da aldeia de Dom Bosco decidiram, em assembléia, que "Volta Grande" definitivamente retornaria a ser um patrimônio deles, com a expulsão dos fazendeiros e seus empregados. "Quando a gente viu o trator derrubando nossas matas, fizemos uma promessa: temos que tomar nossas terras, senão os fazendeiros acabam com as nossas matas e não vamos ter mais caça, nem pesca".

AO ATAQUE

No dia 11 de maio, depois de muitas reuniões, os líderes da comunidade decidiram desalojar algumas famílias de fazendeiros e empregados localizados ao norte de sua reserva, além de porcos e galinhas, "um justo pagamento pelos estragos que fizeram em nossas matas".

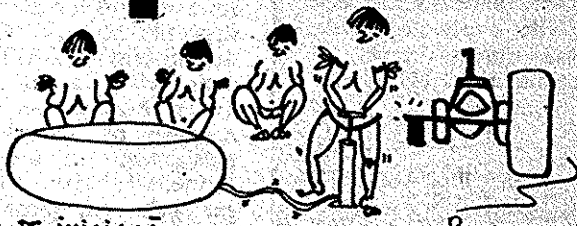
Depois disso, o coronel Anael Lemos, assessor especial do Coronel Nobre da Veiga, presidente da Funai, baixou na aldeia e foi recebido a flechas. O piloto do avião chegou a correr com medo dos índios que queriam apenas assustá-los. O coronel Anael Lemos foi mantido, durante cinco horas, preso na oca que serve também de escola para a comunidade da aldeia Dom Bosco e só no final da tarde era liberado, com um explícito puxão de orelha.

Os Xavante que já têm uma história de transferência arbitrária desde a época da demarcação de sua reserva, quando solicitaram e não foram atendidos na inclusão da "Volta Grande" - considerado local sagrado para cerimônias, além de caça e pesca e onde estão os restos mortais de vários membros -, voltaram ao ataque no dia 15 de maio. E uma vez mais, pacificamente, expulsaram uma família de fazendeiro e empregados, dando um mês de prazo para que a mudança definitiva fosse concretizada.

MISSÃO FRUSTRADA

Nesse intervalo, a Funai passou a agir contra seu funcionário, Rubens Monteiro da Silva, auxiliar de ensino na aldeia Dom Bosco, e contra os líderes da comunidade. Depois de presentear-lhes com 20 lanternas, três caixas de sabão, pilhas e um rolo de fumo, o chefe da Ajudância de Barra do Garças, Rodolfo Valentini, disse para os líderes que eles poderiam obter muito mais, caso concordassem em manter sua reserva nos limites atuais. A princípio, Babatire manteve-se intransigente: foi a Brasília, falou com o presidente da Funai, esteve na Câmara dos Deputados expondo o problema de sua comunidade, enquanto a Funai, com a ajuda de outros Xavante fazia um trabalho subliminar para convencer o chefe a aceitar um acordo que acabou acontecendo.

O vexame para os índios de Dom Bosco não parou aí, pois nas últimas semanas de julho uma assistente social da Ajudância de Barra do Garças, auxiliada pelo diretor da Missão, deslocou-se até a reserva de Sangradouro, a fim de "ensinar" o que os Xavante daquela área deveriam fazer, as maneiras de comportamento para receber o coronel Nobre da Veiga e sua comitiva. Assim, foi logo querendo ensinar os índios a bater continência e cantar o Hino Nacional. Os lí-



RITO DE INICIAÇÃO

deres da comunidade, no entanto, recusaram terminantemente a se prestar a essas imposições, e no máximo fariam suas danças costumeiras.

Desta forma, o movimento dos Xavante da aldeia Dom Bosco terminou melancolicamente. Como já vinha acontecendo em Pimentel Barbosa e Parabure, a Funai conseguiu novamente paralisar temporariamente o processo de retomada dos 36 mil hectares correspondentes a "Volta Grande".

TRATOR E AGASALHOS

Justamente na quarta-feira, dia 22, quando abria-se a Assembléia do Cimi em Cuiabá, o coronel Nobre da Veiga, o coronel Anael Lemos (a quem os Xavante puxaram as orelhas no dia 14 de maio) e o chefe da Ajudância de Barra do Garças, Rodolfo Valentini, baixaram "triumfalmente" na aldeia com a primeira parte dos presentes prometidos: um trator e alguns

Será que a questão da reserva de Sangradouro está encerrada, como pensam os coronéis da Funai? Será possível que o movimento comandado pelo cacique João Evangelista Babatire, que em todo processo de luta se manifestou sempre consciente, firme e duro, terminou assim tão de repente? "Não!" - assegura o próprio Babatire, em confidências a Rubem Monteiro da Silva, auxiliar de ensino demitido pela Funai em virtude da acusação de ter sido um dos responsáveis pela "sublevação" dos índios.

"Assim como a Funai tem enganado o índio, nós vamos agora enganar a Funai. Vamos receber os dois milhões e tudo o que eles nos derem e depois recomeçamos tudo de novo", garante Babatire. Quem conhece que a palavra de índio é sagrada, como lembra o pastor luterano Hans Alfred Trein, que acompanhou, de Barra do Garças, toda a movimentação Xavante, sabe que os índios da aldeia Dom Bosco não vão se deixar esmorecer pelos presentes da Funai.

Babatire até já montou uma nova estratégia: na segunda quinzena de agosto, provavelmente, ele e seus guerreiros empreenderão uma caçada nas matas da "Volta Grande", para averiguar se os fazendeiros continuam ou não invadindo suas terras. Ao que tudo indica, muito antes do que a Funai espera, a luta recomeçará.

José Calixto de Alencar